

OPINIÃO

Por que os CISOs estão migrando para o modelo SOC como Serviço

Denis Furtado (*)

O avanço das ameaças cibernéticas, aliado à crescente pressão regulatória e à dificuldade de formar times de segurança maduros, tem levado muitos CISOs a reverem suas estratégias de defesa.

Nesse contexto, o modelo SOC as a Service (SOCaaS) deixa de ser uma solução emergente para se tornar um componente estratégico da maturidade em cibersegurança. Mais do que um centro de operações terceirizado, trata-se de uma abordagem moderna e orientada a risco, capaz de ampliar a visibilidade, acelerar a resposta e elevar a postura de segurança da organização com eficiência e escalabilidade.

Ao contrário do SOC tradicional, que demanda investimentos altos e permanentes em infraestrutura, tecnologia e talentos escassos, o SOCaaS opera com arquitetura modular e entrega contínua, baseada em cloud e APIs. A vantagem não está apenas na economia com CAPEX — embora isso seja relevante —, mas na capacidade de incorporar rapidamente tecnologias de ponta como XDR, SOAR e threat intelligence integrada, além da expertise de times multidisciplinares que já operam em ambientes complexos e variados. O resultado é um ciclo de detecção e resposta muito mais maduro desde o início da operação.

Esse modelo também favorece uma mudança de mentalidade: sai o monitoramento reativo e entra o monitoramento inteligente, contextualizado por avisos críticos, modelagem de ameaças e frameworks como MITRE ATT&CK. Com apoio de Inteligência Artificial, o SOCaaS evolui de um centro de alertas para um centro de decisões. Algoritmos treinados para identificar padrões de comportamento e anomalias reduzem significativamente o volume de falsos positivos e priorizam eventos com base em risco real. Ao mesmo tempo, plataformas de orquestração automatizam fluxos de resposta que antes dependiam inteiramente da capacidade humana de análise sob pressão.

Para o CISO, o ganho vai

além do operacional. Ao contratar um SOCaaS com SLAs e KPIs bem definidos, como tempo médio de detecção e resposta, taxa de incidentes por criticidade e eficácia de contenção, é possível transformar a segurança em um serviço mensurável e rastreável. A visibilidade em dashboards executivos e relatórios de compliance fortalece a governança, prepara melhor a organização para auditorias e melhora a comunicação com o board — que, cada vez mais, cobra relatórios claros sobre postura de risco e resiliência cibernética.

Outro aspecto fundamental é a capacidade de antecipação. Provedores maduros de SOCaaS operam com dados cruzados de diferentes clientes e setores, o que gera um efeito de inteligência coletiva: ameaças identificadas em um ambiente podem ser bloqueadas em outro antes mesmo de causarem impacto. Isso, combinado à automação da coleta de evidências, isolamento de ativos comprometidos e integração com ferramentas de proteção em endpoints e redes, torna a resposta muito mais ágil e menos dependente de manobras emergenciais.

É claro que nem todas as organizações estão prontas para terceirizar integralmente seu SOC. Em setores com exigências severas de controle físico sobre os dados ou onde há um time interno maduro e bem estruturado, o modelo híbrido pode ser o mais indicado — utilizando o SOCaaS para ampliar cobertura, acelerar resposta ou cobrir turnos críticos. Mas para a maioria das empresas, especialmente as que enfrentam desafios de escala, complexidade ou orçamento, o SOCaaS se consolida como uma escolha lógica e estratégica.

No fim, a verdadeira transformação está na forma como a segurança é percebida: não mais como uma operação paralela, mas como um serviço estratégico que protege ativos, reputação e continuidade do negócio. Para o CISO, adotar o SOCaaS é mais do que uma decisão técnica — é um posicionamento frente ao futuro da segurança empresarial.

(*) Engenheiro de sistemas e diretor da Smart Solutions, distribuidora brasileira de solução antifraude e de cibersegurança.

A fuga do trabalho formal – uma miragem

Temos visto cada vez mais frequentemente, jovens afirmarem que, em busca de qualidade de vida, não pretendem ter empregos formais.

Vivaldo José Breternitz (*)

Esses jovens estão perseguindo uma miragem, a de que ganharão muito dinheiro, fazendo só o que gostam, trabalhando pouco em horários flexíveis, ganhando por "job" executado com o uso de inteligência artificial e tecnologias digitais; muito provavelmente, num futuro não muito remoto, vão se ver perdidos, sem uma formação adequada e sem uma carreira consolidada.

O jornalista e professor Paulo Silvestre recentemente publicou em *O Estado de S. Paulo* um texto muito interessante, ressaltando que na visão desses jovens, a formalidade aprisiona, enquanto a tecnologia empodera, o que os leva a ignorar os riscos trazidos pela busca dessa miragem, da precarização do trabalho à distorção da realidade.

Cresce um discurso nas redes sociais que desvaloriza o "trabalho com carteira assinada" que seria um sinônimo de fracasso na carreira, de condições ruins de trabalho, de ausência de flexibilidade e de desequilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Os jovens que estão ganhando algum dinheiro com esse tipo de trabalho não percebem que muitas empresas, que lucram com a ausência de vínculos trabalhistas, incentivam a demonização do trabalho formal, o que na prática leva à eliminação de



direitos, à perda de salário fixo, de férias e de outras garantias, em troca de uma sensação de liberdade.

Paulo Silvestre afirma que a sociedade paga um preço alto por essa nova realidade, pois sem trabalho digno com um mínimo de garantias, o consumo cai, a desigualdade aumenta e o tecido social se esgarça. O que parece moderno e eficiente pode, na verdade, nos empurrar de volta a um modelo de exploração disfarçada, agora com algoritmos no lugar de chefes.

Por isso, é urgente que a legislação evoluja. Precisamos garantir direitos mínimos também para quem trabalha em formatos

novos, embora esses trabalhadores devam contribuir, como fazem os que trabalham de maneira formal. É inaceitável que a tecnologia seja usada para burlar responsabilidades sociais. A inovação deve servir às pessoas, e não o contrário.

A evolução tecnológica é bem-vinda, mas as pessoas, especialmente as mais jovens, não podem se deixar levar pela busca de uma miragem que, na prática, piora a sua qualidade de vida, enganando-as para que pensem que estão conquistando a liberdade ou que terão ganhos fabulosos.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjnitz@gmail.com.

Como o mercado de tecnologia pode ser sustentável – e porque isso é tão urgente

A sustentabilidade no setor de tecnologia não é mais uma opção, ela tornou-se uma necessidade urgente. Em 2022, o mundo gerou 62 milhões de toneladas de lixo eletrônico, e esse número deve saltar para 82 milhões até 2030, segundo o Monitor Global de Lixo Eletrônico (GEM) da ONU. Contudo, apenas cerca de 22% desse total é reciclado de forma adequada. Isso significa que trilhões de dólares em materiais valiosos como ouro, prata, cobre, paládio, estão sendo descartados, ao mesmo tempo em que agravam os riscos ambientais e à saúde pública.

Em um setor marcado pela inovação constante, paradoxalmente, há pouca atenção à sua própria pegada ambiental. A corrida por dispositivos cada vez mais rápidos e inteligentes tem um custo alto para o planeta. No entanto, há caminhos possíveis e necessários para mudar esse cenário e construir um futuro tecnológico mais sustentável.

O primeiro passo: descarte consciente

Uma das medidas mais urgentes é o descarte correto de equipamentos eletrônicos. Computadores, celulares e outros dispositivos contêm substâncias tóxicas, como mercúrio e chumbo, que podem contaminar o solo e a água se descartados de forma incorreta.

Criar ou aderir a programas de logística reversa, ampliar pontos de coleta e oferecer incentivos para devolução de produtos抗igos são ações essenciais. Além de reduzir os danos ambientais, essas iniciativas colaboram para a economia circular e estimulam uma cultura de responsabilidade compartilhada.

Outsourcing: uma solução inteligente e sustentável

Uma alternativa relevante é o outsourcing

Divulgação



Andrea Rivetti

cíng de equipamentos. Nesse modelo, empresas alugam dispositivos como notebooks, desktops e impressoras por um período determinado, ao invés de comprá-los. Ele permite que haja redução do desperdício e da obsolescência programada, além da atualização constante do parque tecnológico com menor impacto ambiental.

Ainda, o outsourcing facilita a previsibilidade de custos e permite que a empresa foque em seu core business, deixando a gestão de TI nas mãos de especialistas.

Gestão inteligente dos ativos de TI

Prolongar a vida útil dos dispositivos é essencial. Monitoramento de desempenho, manutenção preventiva e controle de inventário ajudam a evitar substituições precoces e desperdícios.

Essa gestão inteligente não apenas diminui o consumo de novos recursos, como também reduz os custos operacionais e fortalece o compromisso com um uso mais consciente da tecnologia.

Escolhas sustentáveis desde a origem

Mais do que soluções internas, a sustentabilidade no setor de tecnologia

também passa por escolhas responsáveis na cadeia de fornecimento. Fabricantes que utilizam materiais recicláveis, adotam processos de produção limpos e possuem programas de logística reversa são parceiros valiosos para empresas comprometidas com o meio ambiente.

A adesão a critérios ESG vem ganhando força no setor, e a exigência por parte de consumidores e investidores já está moldando o futuro da indústria.

Sustentabilidade é estratégia, não tendência

Em vez de enxergar sustentabilidade como um desafio ou um custo extra, o mercado de tecnologia precisa entendê-la como uma estratégia de longo prazo. Empresas que adotam práticas sustentáveis se destacam pela inovação, conquistam a confiança de seus públicos e se tornam mais resilientes às mudanças regulatórias e sociais.

O cenário global pede ação imediata. O momento de transformar a relação entre tecnologia e meio ambiente é agora e os caminhos estão à disposição de quem quiser liderar essa mudança.

(Fonte: Andrea Rivetti é CEO da Arklok).

News @TI

Motiva lança programa de trainee Quest

@A Motiva deu início às inscrições para o seu Programa de Trainee, o Quest_. Nesta edição, o foco é a atração de jovens talentos para as áreas de engenharia e tecnologia, em linha com os desafios de negócio de uma Companhia que irá investir quase R\$ 60 bilhões nos próximos anos em rodovias, trilhos e aeroportos. Ao todo, serão oferecidas 23 vagas nas cidades de São Paulo, Jundiaí (SP), Londrina (PR), Sorocaba (SP) e Santa Isabel (SP). Com duração de 12 meses, o programa oferece uma trilha de desenvolvimento robusta, que combina teoria e prática: mentorias com lideranças experientes, job rotation entre áreas estratégicas, experiências técnicas aprofundadas e a condução de projetos com aplicação real no dia a dia da operação (<https://www.ciadetalentos.com.br/traineequestmotiva/>).

Empresas & Negócios

José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Responsável: Lilian Mancuso

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil,

Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores,

que não recebem remuneração direta do jornal.

ISSN 2595-8410

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo,

468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: [\(netjen@netjen.com.br\)](mailto:(netjen@netjen.com.br)

Site: www.netjen.com.br. CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.